ISSN: 2358-8829

O DESTRAVAR DA LÍNGUA NA TRAVESSIA FORÇADA DAS MULHERES NEGRAS NA GRANDE CALUNGA E A CERTEZA NOS ORIXÁS.

Rejane Maria Pereira [1]

Dandara Conde y Martin de Sousa[2]

INTRODUÇÃO

" Meu Rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas do meu Rosário eu canto mamãe Oxum e falo padres- nossos, ave Marias.
Do meu Rosário eu ouço os longínquos batuques.
As contas do meu Rosário fizeram calos nas minhas mãos...
As contas do meu Rosário são contas vivas...
E depois de macerar conta por conta do meu Rosário.
Me chamo aqui eu mesma
E descubro que ainda me chamo Maria.
(Conceição Evaristo, 2022)

Inicio este artigo, pedindo agô (licença) ao senhor dos caminhos, Exú, Orixá que é comunicação, relaciona-se com a transformação, trabalha no caos para trazer à ordem, de todas as coisas que existem, o senhor das cabaças.

Começar um estudo sobre mulheres negras na travessia forçada envolve repensar como as negras chegaram ao Brasil. E assim cito:

Das entranhas eu sou encruzilhadas
Chibata de ferro minha língua navalha, ira de lágrimas Kawô
Fogo nas águas Xangô
Maré crespa preta Maré
Ira vira Kawô
fogo nas águas Xangô Maré.
Deise Fatuna. Maré Kawô
Pela voz de Marielle Franco. (2018)

Este artigo faz parte da tese de Doutoramento, intitulada “Com a força dos Orixás: Ancestralidade, Resistência e Religiosidade na Marcha das Mulheres Negras” e

[1] Doutoranda em Educação pela UFPE. Doutora em Ciência da Religião pela UNICAP, PE. rejanepereira4@gmail.com;
[2] Graduanda em Direito- Universidade Federal de Pernambuco. dandara.conde@gmail.com.

tem como objetivo dialogar como os orixás interferiram na Marcha de acordo com as mulheres negras. A proposta do artigo apresentou discussões teóricas que se inicia com a trajetória das mulheres negras ao Brasil, trazidas forçosamente. As negras sempre acreditaram que era preciso acreditar. Que era preciso ter no caminho da ida e eram guiadas pela força da ancestralidade, que seria na resistência a defesa de suas vidas, de forma coletiva.

METODOLOGIA

Para compor esta defesa foi utilizada autoras como Sueli Carneiro (2011), Carla Akotirene (2019), Fábio Leite (2019), Conceição Evaristo (2010) entre outras e outros autores importantes para o desenvolvimento teórico da temática. O processo metodológico apresentará discussões teóricas, através de revisão bibliográfica sobre mulheres negras, orixás, ancestralidade. Aproveitando o espaço para trazer que a crença nos ancestrais uniram o povo negro.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua travada traz a relevância evidenciada na vida das mulheres negras, que por muito tempo foram silenciadas, apagadas em suas histórias. Analisar essas questões é compreender que na trajetória do povo negro, enfrentar o racismo, a violência é defender as lutas e resistências coletivas é um chamado das que vieram antes.

A marcha das mulheres negras de 2015 contra o racismo, a violência e o bem viver é uma afirmação de que se faz necessário a construção de um pacto civilizatório que caiba todas, todes e todos com a força dos Orixás. Afinal, com bem lembra Akotirene (2019, p.30) as mulheres negras são marinheiras de primeira viagem [...] marinheiras de primeira viagem transatlânticas, trafegando identidades políticas reclamantes (p.20).

Segundo Carneiro (2017, s/p) a Negra brasileira encontrou na espiritualidade ancestral os mitos, os símbolos e os exemplos que lhe inspiraram insubordinação e lhe permitiram construir uma nova e altiva identidade.

Nesse acreditar na ancestralidade, que as mulheres negras encaram o opressor e preservam o sagrado.

Na chegada forçada ao Brasil, como bem nos lembra Mamigonian, (2017, p.17) "quando recém- chegados, estavam no degrau mais baixo vida escala social. Uma vez catequizados e conhecedores da língua dos senhores e das regras de funcionamento da sociedade, eram considerados ladinos.

Eram obrigadas a se converter ao cristianismo. Iniciava neste momento uma busca por suas origens e preservação da identidade, o que Nogueira (2020, p.37) chamou de tríade, lei-rei-fé especificamente a lei de Portugal, ao rei de Portugal, e à - religião católica apostólica romana.

Ainda segundo Nogueira, 2020, p.37, o que vemos é o apagamento e o silenciamento das crenças originárias e, mais adiante, das crenças não eurocêntricas. Isso justifica tanta perseguição a mulheres negras que nunca se curvaram a fé e a obediência do colonizador.

O DESTRAVAR DA LÍNGUA. (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Afinal o que é a língua? Começamos essa prosa, afirmando que a língua é um dispositivo de poder, bem como sua manutenção. Quer matar a outra ou o outro, retire delas ou dele a língua.

Akotirene (2019, p.15), faz a consulta a Exú, divindade africana, senhor da encruzilhada e, portanto [...], que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente impedida de tocar seu idioma.

Em 1851, Sojourner Truth, usava sua fala para questionar, através da oralidade se não seria mulher, ao perguntar: E eu não sou mulher? Olhem para mim, no discurso proferido na convenção em Akron, Ohio, Estados Unidos.

Segundo Carvalho (2013, p.86) quando os portugueses chegaram ao Brasil, muitas línguas eram faladas pelas tribos que aqui habitavam (Aruaque, Karib, Tupi, Jê entre outras).

Por meio do português imposto pela coroa, tanto índios como africanos e mestiços tiveram de ajustar a síntese e a articulação dos fonemas de sua língua à pronúncia da língua portuguesa.

Para enfrentar a imposição linguística, muitas mulheres negras, não ficaram em silêncio e desbravaram a língua. Foi o que fez Lélia González, afirmando que a fala é em pretugues e que é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quinbundo, que por sua vez, e justamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico banto que casualmente se chama bunda) [...] de repente bunda é língua, é linguagem, é sentido e é coisa. [...] estamos falando do europeu dominador.

Para enfrentar a dominação colonial é descolonizando a língua, dando voz a quem sempre foi impedida de falar, muitas intelectuais negras romperam o silêncio, como Luiza Bairros, que denunciou o racismo e o sexismo, Wilma Reis, Valdenice Raimundo, Sueli Carneiro, Jurema Werneck e tantas outras.

Afinal, somos frutos de uma articulação política entre nós, como bem afirma Werneck (2010): "nossos passos vêm de longe". Destravar a língua é um chamado, uma evocação.

A GRANDE KALUNGA E A TRAVESSIA FORÇADA.

A grande travessia das mulheres negras na Kalunga, representa uma memória, memória salgada, como descreve Gonçalves (2022, p.38). Todos os dias chegava mais gente capturada em muitos lugares da África e dando várias versões sobre o nosso destino. Sabemos que nenhuma mulher negra foi convidada para o Brasil, vieram traficadas, em uma vinda forçada.

Na grande Kalunga, transitam os reinos dos mortos e dos vivos. Na tradição cosmológica africana, o oceano também é um espaço mítico, onde habitam espíritos ancestrais. (Mattos, 2022, p.02).

A grande travessia no mar traz para o povo negro a certeza que iriam enfrentar todos os tipos de opressão e subordinação. E um momento de questionamento sobre a racionalidade humana.

Kalunga, de origem Bantu significa mar, mas também morte. "Estaria ligado a uma noção cíclica da natureza, que celebra seus ritos de passagem, e vida - morte- vida, ou se essa estaria ligado à ruptura de tantos povos de sua terra e sua ancestralidade, ao serem traficadas Kalunga a dentro, deixando um rastro de morte, sangue e ausência. (Ferreira 2025, p. 02)

A chegada das mulheres negras ao Brasil, assim como homens negros, durante período colonial, implicou numa vinda forçosa em nome da colonização e implementação de empresa açucareira, que buscava mão de obra a baixo custo, assim o processo de escravização fora mascarado sob a alegação de que africanos e africanas não eram pessoas, mas sim de “ser movente”: seres sem alma que, em “nome de Deus” foram reduzidos à condição de escravizados para se purificarem - ou seja, se converterem forçosamente na fé cristã como forma de salvação.

A escolha pelo termo escravizados "descreve um processo político ativo de desumanização enquanto escrava/o descreve um estado de desumanização com identidade natural das pessoas que foram escravizadas (Kilomba, 2009, p.20)

Dessa forma, manifestam-se os primeiros traços de endemonização das religiosidades africanas, entre elas a crença nos Orixás. Essa conjuntura impôs aos povos africanos um movimento de negação da sua identidade e do culto a sua ancestralidade.

Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo sob tais imposições, as mulheres negras africanas e suas descendentes atuaram - e ainda atuam - na sociedade, trazendo consigo a experiência do ser coletivo e a força dos seus antepassados. Essa persistência se circunscreve no sentido de que, ainda hoje. Principalmente no tocante a educação que são a elas delegadas no contexto da religiosidade de matriz africana em todo o território brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ancestralidade na vida das mulheres negras é um dos aspectos mais importante, mantém a certeza de que não estamos sozinhas ou que o colonizador venceu.

O destravar da língua acontece na vida das mulheres negras todos os dias, marcam, seus lugares, rompem o apagamento, articulam o coletivo, organizando todos os processos em coletivo.

A religiosidade de matriz africana é uma resginificacão dos cantos da vida, fortalecidos por valores ancestrais. Acreditar na espiritualidade, nos orixás é certeza de

que existe articulação entre as mulheres negras, pois as colocam no mundo dos sentidos, contribuindo com os princípios.

Temos que desapegarmos dos valores civilizatorios racistas e eurocêntricos e desperta um olhar humanitário. A própria sociedade deverá muda para não privilegia o que não é nosso.

Não existe fim, o fim é o começo, é necessário a busca por caminhos civilizatórios.

A experiência das mulheres negras são sempre coletiva e educadora, resgnificando-se, afirmando-se constantemente. São as Negras que realmente fazem as primeiras viagens, com sua pertença, potencializam outras, mesmo com diversas contradições. A travessia foi forçada e não foi fácil (quem hoi que disse que iria ser). As negras são muitas, diversas, mas não dispersa.

A crença nos orixás é a dignidade da essência, do mundo, cheio de rancor e perversidade racial.

As mulheres negras nuncam aceitaram lugares como dados, recebidos questionáram lugares impostos, buscaram, caminhos. Mas foi na forca da ancestralidade e na crença nos orixás que se ergueram e construíram um pacto civilizatório, onde cabe todas, todos e todes. Levantando-se, articulando-se em um contexto desfavorável, mas acreditando na força dos Orixás.

As considerações podem não ser finais, devem ser princípios, meios e começos. Axé, Laroyê Exú.

Palavras-chave: Destravar línguas; Travessia forçada; Mulheres negras; Exu.

AGRADECIMENTOS

Agradecida aos Orixás: a Exu, senhor da comunicação, ao tempo, ao acalanto, ao desapego, ao esperançar, as escolhas, aos equívocos.

As amigas e amigos, as mestras e mestres. Aos que hoje estão no Orún: minha mãe Iracema Pereira da Silva.

A minhas raízes: minhas irmãs. A autoras e autores negras, e negros que diziam: “Um dia o estudo será importante!”.

A superação, a ancestralidade e ao recomeçar, agradeço, agradeço.

REFERÊNCIAS

Akotirene, Carla. Interseccionalidade / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN 978-85-98349-69-5

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Marcus J. M. de. Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822- 1850.2° ed- Recife: Ed.Universitária da UFPE. 2010.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/117888-insubmissas-lagrimas-de-mulheres. Acesso em: 28 de outubro de 2026. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor - 31° ed. RJ: Record, 2022.

GONZALEZ, Lélia. Lugar de negro. In: Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (orgs.). O movimento negro na última década". Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

_____. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Br asileira%20%281%29.pdf Acesso em 10/05/2020.

KILOMBA, Grada. Plantation memories**:** episodes of everyday racism. 2009. Tese (Doutorado) - Freie Universität Berlin, Berlim, 2009.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. A dimensão ancestral da comunidade. África,

[S. l.], n. 42, p. 109–122, 2021. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.i42p109-122. Disponível em: https://revistas.usp.br/africa/article/view/193964. Acesso em: 28 out. 2026.

MAMIGONIAN, Beatriz G.Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil. 1° ed.- São Paulo: Companhia das Letras. 2017

WERNECK, Jurema. Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas 2009

_____. Nossos passos vêm de longe. Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros e Negras. 2010.